MONÇÕES
REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFGD

DOI: 10.30612/rmufgd.v11i22.14884

Interpretações e Argumentos acerca da chamada "Guerra Fria 2.0"

Interpretations and arguments on the so-called "Cold War 2.0"

Interpretaciones y argumentos sobre la llamada "Guerra Fría 2.0"

Daniel de Pinho Barreiros
Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Programa de Pós-Graduação em História Comparada (UFRJ)
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: daniel.barreiros@ie.ufrj.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7030-1245

Pável Lavrenthiv Grass
Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional (UFRJ)
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: pavel.grass@pepi.ie.ufrj.br
Orcid:https://orcid.org/0000-0002-1352-1222

Resumo: A chamada Guerra Fria 2.0 representa o conjunto de embates políticos em nível internacional, envolvendo os Estados Unidos e a Federação Russa, relativos à indefinição interpretativa acerca da promessa de não expansão da OTAN para o leste europeu discutida em setembro de 1990 (Tratado sobre a Regulamentação Definitiva referente à Alemanha), e dúvidas acerca do Memorando de Budapeste de 1994. Atualmente não se verifica uma dimensão genuinamente global para o fenômeno, tampouco a solidez de elementos institucionais na esfera interestatal capazes de regular uma corrida armamentista, vigorando assim um "vácuo de regras" especialmente no domínio das armas nucleares. Superada a fase de "vácuo geopolítico" da década

de 1990, observam-se, atualmente, tendências antigas como uma nova e acirrada corrida armamentista, a renovação da corrida espacial, intensa interferência estrangeira em assuntos de política interna e a formação de blocos econômicos e militares de grande envergadura. Em suma, a Segunda Guerra Fria, sem uma nítida clivagem ideológica entre blocos oponentes, carente de uma arquitetura institucional internacional sólida capaz de conter avanços estratégicos desestabilizadores, e com múltiplas partes semoventes, apresenta-se como um desafio para a análise internacional.

Palavras-chave: Segunda Guerra Fria; Geopolítica; Armas Nucleares.

Abstract: The so-called Cold War 2.0 represents the set of political clashes at an international level, involving the United States and the Russian Federation, related to the interpretation indefiniteness on the promise of NATO's non-expansion to Eastern Europe discussed in September 1990 (Treaty on the Final Settlement with Respect to Germany) and doubts about the Budapest Memorandum of 1994. Currently, there is no genuinely global dimension to the phenomenon, nor the solidity of institutional elements in the interstate sphere capable of regulating an arms race; it creates a "rules vacuum", especially in the domain of nuclear weapons Once the "geopolitical vacuum" phase of the 1990s has been overcome, old trends are currently observed, such as a new and fierce arms race, the renewal of the space race, intense foreign interference in domestic policy matters and the formation of large economic and military blocs. In short, the Second Cold War, without a clear ideological cleavage between opposing blocs, lacking a solid international institutional architecture capable of containing destabilizing strategic advances, and with multiple moving parts, presents itself as a challenge for international analysis.

Keywords: Second Cold War; Geopolitics; Nuclear Weapons.

Resumen: La llamada Guerra Fría 2.0 representa el conjunto de enfrentamientos políticos a nivel internacional, que involucran a Estados Unidos y la Federación Rusa, relacionados con la interpretación indefinida sobre la promesa de no expansión de la OTAN a Europa del Este discutida en septiembre de 1990 (Tratado sobre el acuerdo final con respecto a Alemania) y dudas sobre el Memorándum de Budapest de 1994. Actualmente, no existe una dimensión genuinamente global del fenómeno, ni la solidez de elementos institucionales en el ámbito interestatal capaces de regular una carrera armamentista; este hecho crea un "vacío de reglas", especialmente en el dominio de las armas nucleares. Superada la fase de "vacío geopolítico" de la década de 1990, actualmente se observan viejas tendencias, como una nueva y feroz carrera armamentista, la renovación de la carrera espacial , intensa injerencia extranjera en asuntos de política interior y la formación de grandes bloques económicos y militares. En definitiva, la Segunda Guerra Fría, sin una clara escisión ideológica

entre bloques enfrentados, carente de una arquitectura institucional internacional sólida capaz de contener avances estratégicos desestabilizadores, y con múltiples partes móviles, se presenta como un desafío para el análisis internacional

Palabras clave: Segunda Guerra Fría; Geopolítica; Armas nucleares.

Recebido em
16/06/2021

Aceito em
17/02/2022

INTRODUÇÃO

Levando-se em consideração que a Guerra Fria em sua acepção convencional foi um evento de caráter geopolítico que se encerrou entre 1989 e 1991, seria possível falar em uma Segunda Guerra Fria atualmente? Quais seriam as suas características principais, e o que a distinguiria de sua análoga no século XX? Quais fenômenos podem ser acoplados e balizados nesse âmbito, e como caracterizar o período de transição entre a fase 1 e a fase 2 (supondo que se tratem de fases, afinal)?. Vivemos uma geopolítica pós-Guerra Fria, ou sua lógica segue permeando as relações entre as grandes potências, só que com nova roupagem? Sob o peso do esgarçamento da hegemonia norte-americana nos campos comercial, tecnológico e militar (HENDRIKSON, 2005; WALLERSTEIN, 2009), e da ascensão econômica, tecnológica e militar da Rússia após um período de estagnação e perda de poder internacional sob Boris Yeltsin (HALL, 2013), imagina-se que as relações entre Washington e Moscou na última década "voltaram ao passado", após a estridente euforia liberal-globalizante durante os anos 1990 (STIGLITZ, 2003). As sanções e o confronto indireto estão cada vez mais presentes na pauta dos noticiários. Observa-se que tais relações de fato estão superando a mera rivalidade, e caminhando em direção a um confronto aberto. O mundo parece ter voltado a um estado de instabilidade psicossocial permanente, incerteza e medo em relação ao seu próprio futuro.

Essas podem parecer questões meramente retóricas, diante da invasão da Ucrânia, iniciada por forças militares russas em fevereiro de 2022. Mais do que nunca, o impasse envolvendo o estacionamento de tropas na fronteira ucraniana ordenado por Vladimir Putin, o embate entre diferentes justificativas e interpretações acerca das "verdadeiras" intenções de Moscou, e a inabilidade na busca por uma solução negociada por parte da OTAN demonstraram que os acontecimentos geopolíticos na Europa entre o fim dos anos 1980 e início dos anos 1990 estão longe de terem sido conclusivos. A análise da corrente crise no Leste Europeu acentua a definição que cremos ser suficiente para designar a Segunda Guerra Fria: ela consiste do choque de agendas internacionais entre os Estados Unidos (como líder *de facto* da Organização do Tratado do Atlântico Norte) e a Federação Russa decorrente da interpretação dos resultados de dois importantes atos de diplomacia ocorridos após a queda do Muro de Berlim: o suposto compromisso de não expansão da OTAN em direção ao Leste Europeu, que teria sido assumido pelas potências ocidentais na ocasião das tratativas para a reunificação da Alemanha em 1990 (Tratado sobre a Regulamentação Definitiva referente à Alemanha), e o compromisso russo de não intervenção nas ex-repúblicas socialistas tendo como contrapartida a desnuclearização da Ucrânia, consolidado no Memorando de Budapeste de 1994.

CC BY NC SA

A Guerra Fria "inicial" pode ser interpretada, por sua vez, como um conflito de caráter político, ideológico e econômico, mas não diretamente militar, entre dois campos ou grupo de países, historicamente representados pelos blocos socialista e capitalista. Tal confrontação ideológica iniciou-se, formalmente, após a Segunda Guerra Mundial, da qual URSS e EUA saíram vitoriosos. A URSS, com grande prestígio militar e seu Exército Vermelho, libertou quase toda a Europa sob ocupação nazista e chegou até Berlim. Naturalmente, fixaram posições de influência sobre toda a área geográfica libertada e devastada (SCHLESINGER, 1967).

Formalmente, a data que marca o início de tal confronto indireto entre as duas superpotências diz respeito ao discurso do então presidente americano Harry Truman, realizado em 1947 perante o Congresso dos Estados Unidos, requerendo aumento de verbas para iniciar o chamado Plano Marshall, de apoio e reconstrução da infraestrutura econômica dos países do Oeste Europeu (TRUMAN, 1947). O objetivo principal consistia em barrar a influência socialista e soviética nessa faixa geográfica. Em contrapartida os soviéticos elaboraram o chamado Plano Molotov para apoiar os países europeus sob sua influência no Leste Europeu (BERGER, 1948).

De forma geral, dentre as principais características da Guerra Fria, é possível distinguir algumas: 1) corrida armamentista, com investimentos significativos feitos por americanos e soviéticos na elaboração e produção de armas, munições e foguetes em larga escala (HOFFMAN, 2009); 2) corrida espacial, desenvolvimento tecnológico e a disputa pelo espaço (DOLMAN, 2002); 3) interferência estrangeira, direta ou indireta, em países considerados geopoliticamente estratégicos na Ásia, África e América Latina; 4) formação de blocos econômicos; 5) formação de blocos militares (OTAN e Pacto de Varsóvia). Seria possível supor que tais fatos, de impacto planetário, passaram a influenciar rotas comerciais, fluxos financeiros, conflitos regionais armados, milhões de vidas; bem como o desenvolvimento de todo um aparato ideológico-mental, teórico e constitucional presente nos princípios e práticas diplomáticas de relações internacionais de quase todos os países do mundo. As pesadas instituições da Guerra Fria, com seus sistemas de pesos e contrapesos, de redes de apoio e equilíbrio financeiro, político-militar e psicossocial, não poderiam deixar de existir em curto espaço de tempo.

Por outro lado, a aparente dissolução do arcabouço institucional que fundamentou a Guerra Fria ao final do século XX parece radical se considerarmos o conjunto de eventos e conjunturas que se deram com o fim do Pacto de Varsóvia e o retorno das forças militares ex-soviéticas de volta aos seus territórios de origem. No que diz respeito à Europa, no final dos anos 1980, nos territórios da Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Tchecoslováquia, os soviéticos chegaram a dispor de cerca de meio milhão de soldados (sem contar centenas de milhares de civis), de mais de 9.000 tanques, de cerca de 5.800 peças de artilharia, 12.000 veí-

CC BY NC SA

culos de combate, 1.700 aeronaves militares, 700 helicópteros e sistemas operacionais táticos de mísseis (MORKOVKIN, 2020).

Mas, sob a liderança de Mikhail Gorbachev e agindo no espírito da *Glasnost*, com o vetor da política externa voltado para o desarmamento e para a normalização das relações com o Ocidente, o Estado soviético decidiu "acatar" os pedidos de seus aliados de retirada das tropas de seus territórios. De tal forma, no período entre 1989 e 1990, iniciaram-se discussões individuais com cada país sobre as condições gerais desse processo (GRACHEV, 2018). A retirada desse expressivo número de soldados e civis se tornou um processo geopolítico sem precedentes na história recente, e configurou o maior deslocamento e redistribuição de militares, civis e equipamentos desde a Segunda Grande Guerra. A retirada das tropas da Alemanha foi exaustiva e logisticamente complexa, uma operação que durou até 1994.

Na Alemanha reunificada, ao contrário, havia clima de comemoração e expectativas de uma nova conjuntura política (NARINSKIY, 2015). Quando o último grupamento de tanques deixou o país, foi celebrado um ato solene, no dia 31 de agosto de 1994, no Parque Treptow (próximo ao monumento ao soldado-libertador soviético), com a presença do então presidente russo Boris Yeltsin e do chanceler alemão Helmut Kohl. A cerimônia, com coroas de flores, foi realizada por soldados da *Bundeswehr* e do Exército russo. Era o fim real e simbólico da Organização do Pacto de Varsóvia. Simbólicas também foram as palavras do General Burlakov sobre essa grande retirada das tropas soviéticas da Alemanha:

> Durante quarenta e nove anos com nossas tropas na Alemanha, nunca assustamos ninguém, mas também não tínhamos medo de ninguém. Como grupo mais poderoso das Forças Armadas soviéticas e russas, o Grupo Ocidental cumpriu honestamente sua missão histórica de garantir a paz e a estabilidade na Europa. Ainda não se sabe como a ordem mundial do pós-guerra teria se desenvolvido, não fosse pelas tropas soviéticas na Alemanha, Tchecoslováquia, Hungria e Polônia (MORKOVKIN, 2020).

A retirada total das forças militares soviéticas/russas da Europa Oriental é considerada, até hoje, uma ação geopolítica contraditória, que gera discussões entre especialistas e juristas. Por que Gorbachev não exigiu um acordo formal sobre o futuro *status* dessa região, que deveria continuar neutra, sem a expansão da OTAN para o Leste? (SAROTTE, 2010). Uma resposta seria que, como mesmo admitiu Gorbatchev em 2014, durante a assinatura do Tratado sobre a Regulamentação Definitiva referente à Alemanha de 1990, alemães, norte-americanos, britânicos e franceses teriam admitido poupar apenas o território da antiga Alemanha Oriental da ocupação por forças da OTAN, e apenas daquelas forças que não tivessem origem local; nada teria sido dito a respeito do Leste Europeu como um todo (PIFER, 2014).

CC BY NC SA

Essa decerto não é a leitura que Putin e os nacionalistas russos do século XXI fazem desse evento, de modo que a expansão da OTAN sobre a Europa Oriental a partir de 1999[1] fez reavivar a percepção russa de que Gorbatchev teria cometido uma "falha estratégica". Vladimir Zhirinovsky, parlamentar da Duma russa, avaliou, em 4 de dezembro de 2019, que a decisão da URSS de retirar as tropas soviéticas da Europa Oriental foi um erro grave e que teve consequências extremamente negativas para todo o mundo. Em suas palavras:

> Se Gorbachev não tivesse retirado o grupo de tropas soviéticas da RDA, não teria havido guerra na Iugoslávia, não teria havido necessidade de lutar no Iraque, Síria, não teria havido guerra na Ucrânia. Seria muito mais calmo na Europa e no Oriente Médio. Isso é o que os comunistas fizeram (PARTIDO LIBERAL DEMOCRATA RUSSO, 2019).

A figura em si de Mikhail Gorbachev é contraditória e gera discussões calorosas na Rússia até hoje. Teria Gorbachev permitido que a máquina burocrática soviética implodisse internamente? É nesse contexto, segundo Gamble (2006, p. 20) que se constrói a hegemonia discursiva neoliberal, não por coincidência, após o colapso da ideologia comunista na Rússia (desmantelamento da URSS). Segundo Arrighi (2010), observou-se um relativo esgotamento da hegemonia americana no contexto do colapso do padrão de câmbio ouro-dólar e a derrota dos EUA na guerra do Vietnã. Entretanto, já na década seguinte (1980), foi a vez da URSS demonstrar claros sinas de perda de poder e influência ideológica através da ascensão do neoliberalismo encabeçados por Ronald Reagan e Margareth Thatcher.

Na opinião de Sargent (2013) os eventos históricos da década de 1970 predefiniram o fim da Guerra Fria no final da década de 1980, sendo que tais transformações da economia mundial liberal tornaram visível o atraso da economia soviética (SEGRILLO, 2000), o que foi decisivo para minar a legitimidade do regime e da ideologia comunista. Nesse sentido, Gontijo (2020) aponta que apenas após a desintegração da URSS se tornou possível, de fato, a retomada da hegemonia americana, marcando uma nova era geopolítica, a negação do nacional desenvolvimentismo, bem como o fortalecimento da ideologia neoliberal e do dólar.

1 Em 1994, durante a presidência Clinton, os Estados Unidos patrocinaram no âmbito da OTAN a execução do plano *Partnership for Peace*, primeiro passo para a expansão da aliança em direção aos países anteriormente integrantes do bloco comunista. Em 1999 a OTAN torna efetiva a adesão de Hungria, Polônia e República Tcheca, consolidando o processo de "quebra de confiança" entre os governos ocidentais e Moscou. Bulgária, Estônia, Lituânia, Letônia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia promoveram sua adesão em 2004, seguidos por Albânia e Croácia em 2009. Em 2017 seria a vez de Montenegro e da Macedônia, seguida pelo convite feito à Ucrânia, Bósnia e Herzegovina e Geórgia em 2021.

CC BY NC SA

Assistiu-se a um curto período de transição entre o final da Guerra Fria (desmantelamento da URSS e a invasão do Iraque, nos anos 1990-1991) e o início da Guerra Fria 2.0 A hegemonia americana em seu primeiro ciclo durou praticamente 30 anos; desde seu esvaziamento nos anos 70, uma retomada ocorreu nos anos 80 (TAVARES, 1998), para um novo período de enfraquecimento de suas competências hegemônicas[2] desde a primeira década do século XXI. Mas então, quais seriam tais sinais, emitidos pelos EUA, demonstrando mais uma vez o esmorecimento de sua hegemonia?

A chamada "desordem mundial" iniciou-se com um ciclo de invasões internacionais, guerras por procuração e "revoluções coloridas", guerras comerciais e sanções econômicas orquestradas pelos dirigentes americanos (BANDEIRA, 2013, pp. 233-250). Sobre essa conjuntura Gontijo (2020) considera de suma importância a invasão do Iraque em março de 2003, sendo continuada pela invasão do Afeganistão e a promoção das "revoluções coloridas" (Líbia, Síria, Egito, Tunísia, Ucrânia), bem como pelo uso unilateral da força militar, da subversão e do controle do petróleo.

No que diz respeito às movimentações cíclicas da hegemonia americana, pode-se apontar para a atual fase de recuo do potencial americano nos planos econômico e militar. Tal recuo desvenda um novo vácuo geopolítico [3] de poder no mapa mundi, que começou a ser preenchido por novos atores. A expansão norte-americana não poderia se dar infinitamente: surgiram limites e barreiras, sendo que parte desses limites foi criada pelos próprios norte-americanos. Inicia-se uma lenta, mas convicta reação da Rússia.

Assim, no que diz respeito à Rússia, houve substanciais mudanças estruturais em seu padrão de investimento e recuperação de cunho nacionalista no período de 1998 a 2008 (DESAI, 2005). Segundo Serrano e Mazat (2013), após a crise de 1998, seguiram-se dez anos de crescimento contínuo, até 2008, com taxa média de crescimento do PIB de 6,9%. Tal retomada do crescimento econômico foi possível não somente devido às altas do preço do petróleo e gás, mas também a uma política de longo prazo e planejada por parte do Estado, no âmbito da qual

2 Por "competências hegemônicas" entendemos a capacidade comparada de exercício de *hard power* e *soft power* desfrutada por uma potência postulante a manter ou rever seu status relativo na pirâmide de poder global, especialmente nas seguintes áreas: 1) poderio nuclear; 2) poderio militar convencional; 3) controle soberano de uma reserva de valor e unidade de conta significativa no mercado mundial; 4) legitimidade ética e moral na interpretação e definição dos objetivos coletivos em nível internacional.

3 Tema abordado por Brzezinski (1993) em suas análises estratégicas do espaço pós-soviético. A teoria do vácuo geopolítico caracteriza a forma de relações geopolíticas, quando todos os setores do espaço geográfico devem estar ocupados por alguém, ou controlados por alguém. Qualquer tipo de liberação ou mudança no nível de controle desses setores trará alguma movimentação de forças específicas na direção de ocupação desses setores liberados.

CC BY NC SA

se pode destacar: 1) medidas de redução da vulnerabilidade externa; 2) mudança do regime cambial; 3) política de acumulação de reservas externas; 4) pagamento antecipado da dívida externa do setor público; 5) criação de fundos soberanos (SERRANO, MAZAT, 2013, p. 856).

Tais medidas possibilitaram redirecionar as receitas de exportações para a economia interna, o que, em consequência, viabilizou a capacidade de pagamentos de impostos e a retomada dos pagamentos monetários entre empresas, e do crédito privado. Houve a retomada dos gastos públicos e o pagamento de atrasados a funcionários e fornecedores (SERRANO, MAZAT, 2013, p. 859). Tais investimentos foram possíveis também no campo da *Base Logística de Defesa da Rússia*.[4]

Não por acaso, a partir de 2008, após a Guerra da Geórgia, inicia-se ampla reforma e reorganização das Forças Armadas russas, com programa de longo prazo para modernização de toda a sua frota naval, aérea e terrestre e mudanças estruturais de gestão e comando que possibilitaram, por sua vez, atingir, relativamente em curto espaço de tempo, nível de adestramento e mobilidade até então desconhecido (McNABB, 2017). Tornou-se possível o desenvolvimento de novos tipos de armas de defesa e ataque, e novos foguetes hipersônicos com altíssima precisão (ACTON, 2015). Seria possível supor, então, que o início da "era de desordem mundial", em 2003 (fase "passiva" da Guerra Fria 2.0), representa também um novo momento de fragilização da hegemonia americana, e de contra-ataque russo.

A GUERRA FRIA 2.0

O início, digamos, "formal" da chamada Segunda Guerra Fria pode ser considerado a crise política na Ucrânia em 2013–2014, com o retorno da Criméia ao território da Federação Russa (BANDEIRA, 2018, pp. 355-372). Na sequência, foi iniciado o fortalecimento da presença militar dos EUA no Leste Europeu, incluindo aumento de exercícios militares da OTAN à margem das linhas de fronteira com a Rússia, o que, por sua vez, influenciou as relações desta última com o Ocidente de forma muito negativa (HANSEN, 2015; PIFER, 2017).

4 Base Logística de Defesa (BLD) "é o agregado de capacitações tecnológicas, materiais e humanas, necessárias para desenvolver e sustentar a expressão militar do poder, mas também profundamente envolvidas no desenvolvimento da capacidade e competitividade industrial do país como um todo" (BRICK, 2011, p. 6).

CC BY NC SA

Outro evento marcante dessa fase é o início das operações militares de tropas russas na Síria (AVERRE; DAVIES, 2015), com rápido avanço por quase todo o território desse país [5]. Por outro lado, em 2017, em paralelo aos problemas relativos à Guerra Fria 2.0, deu-se a escalada de risco de conflito militar no Leste Asiático, quando a Coréia do Norte demonstrou, com sucesso, uma série de testes de mísseis balísticos intercontinentais (ICBMs). Na sequência os EUA aprovaram diversas sanções adicionais contra a Coréia do Norte.

Nesse contexto mostra-se sintomática a reação da OTAN aos exercícios militares russos realizados em abril de 2021 no Sul da Rússia, na Criméia, no Mar Negro e no Mar Cáspio, em resposta às manobras próximo à sua linha de fronteira. Os exercícios do programa *NATO Defender Europe 2021* constituíram a maior movimentação de tropas ocidentais desde o fim da Guerra Fria. Como comentou o Ministro da Defesa da Federação Russa, Sergey Shoigu:

> Atualmente, as tropas norte-americanas estão sendo transferidas das regiões continentais da América do Norte através do Atlântico à Europa. Está sendo realizado um deslocamento de tropas na Europa para perto das fronteiras russas. As forças principais se concentram nas regiões do mar Negro e do Báltico. No total, perto do território russo ficarão concentrados cerca de 40 mil militares e 15 mil unidades de armamento e equipamento militares, inclusive da aviação estratégica.[6]

Não parece, então, improvável o confronto entre Rússia e o Ocidente, confronto esse que possuiria características distintas em relação à dita "primeira" Guerra Fria. Está ausente nele um conflito ideológico bem recortado; a Rússia de hoje não é um país socialista, e assim sendo, é a categoria mais geral de "autoritarismo" que ocupa o espaço na narrativa ocidental para amalgamar numa só condição Rússia e China (GESSEN, 2017). O tema rende uma discussão ampla, mas independentemente dela, nota-se a tentativa de criação de um discurso capaz de criar uma fratura ideológica clara entre os dois blocos, em parte emulando a clivagem entre democracia e autoritarismo que marcou o discurso ocidental (em especial norte-americano) na Primeira Guerra Mundial.

5 A participação da Rússia na Guerra da Siria possibilitou também a realização de testes de mais de 300 novas armas, com a presença e acompanhamento *in loco* de cientistas e técnicos de 76 grandes laboratórios e centros de pesquisa da Rússia. Possibilitou ainda o adestramento de pilotos de caças em condições reais de guerra, bem como de oficiais de diversas áreas no desenvolvimento das táticas de ataque e defesa, logística e troca de experiência com os regimentos do exército sírio. ZVEZDANEWS. О науке в армии, новейшем вооружении и деятельности РГО: интервью Министра обороны РФ Сергея Шойгу *(Sobre a ciência no exército, as últimas armas e atividades da Sociedade Geográfica Russa: uma entrevista com o Ministro da Defesa da Federação Russa Sergei Shoigu)*. 21 de maio de 20121. Disponível em <https://tvzvezda.ru/news/20215211659-2C3az.html>. Acessado em 24 de maio de 2021.

6 SPUTNIK BRASIL. *Rússia toma medidas em resposta a atividade militar ameaçadora da OTAN, diz ministro da defesa russo*. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/russia/2021041317324648-russia-toma-medidas-em-resposta-a-atividade-militar-ameacadora-da-otan-diz-ministro-da-defesa-russo/>. Acessado em 2 de maio de 2021.

CC BY NC SA

Rogov (2019) [7] enumera algumas características dessa nova Guerra Fria:

1. Propaganda agressiva, recíproca e em larga escala – tal como na "primeira" Guerra Fria –, com efeito na opinião pública e com a imagem do inimigo revivida, uma espécie de retorno ao início dos anos 1980 (teses na mídia americana sobre a intervenção política de Moscou, alegações de *cyberwarfare* por parte de agentes russos contra alvos no Ocidente, e alegações similares na imprensa russa direcionadas contra agentes associados a interesses norte-americanos, etc.);
2. Retomada da guerra econômica contra a Rússia. No final da Guerra Fria se falava em integração da Rússia à economia global. Agora, interesses ligados aos Estados Unidos buscam isolar o país (ressalta-se que o dano das sanções ocidentais infligido contra a economia russa tem sido inferior a 1,5% do PIB, mas pode se tornar muito maior em decorrência das pesadas sanções envolvendo a Guerra da Ucrânia de 2022);
3. Quase completa cessação dos contatos diplomáticos com os EUA e outros países ocidentais, o que afeta negativamente a posição russa; [8]
4. Nova corrida armamentista e o colapso do sistema de controle sobre armamentos. A estabilidade estratégica herdada da primeira Guerra Fria foi comprometida com a saída de Washington do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário em 2019 (Tratado INF), seguida pela reação recíproca de Moscou.

Estaria a Rússia atuando de modo a enfrentar os Estados Unidos, em aparente fragilidade hegemônica, por meio do consorciamento multilateral com outros parceiros que dispõem de agendas geopolíticas próprias e não necessariamente convergentes com aquelas ligadas à Guerra Fria 2.0? Os diversos blocos econômicos e político-militares que vêm sendo desenvolvidos e efetivados demonstrariam movimentações concretas neste sentido? Não são poucas as iniciativas capazes de serem enquadradas sob essa rubrica (acordos de interesses mútuos para fomento de agendas geopolíticas multifacetadas, com graus variados de convergência com as questões relacionadas à Guerra Fria 2.0):

7 Sergey Rogov, acadêmico russo, diretor do Instituto dos EUA e Canadá da Academia Russa de Ciências.

8 Assim, a comissão presidencial "Rússia-EUA", que tinha quase duas dezenas de grupos de trabalho, deixou de existir. O Conselho Rússia-OTAN reúne-se apenas duas vezes por ano, o que demonstra a óbvia formalidade da existência de uma estrutura tão importante. A expulsão de diplomatas, a apreensão de bens diplomáticos e a recusa de vistos também complicam o diálogo político. Na primeira Guerra Fria as regras do jogo eram mais respeitadas que atualmente.

CC BY NC SA

1. União Econômica Eurasiana: acordo assinado em 29 de maio de 2014 pelos líderes de Belarus, Cazaquistão, Rússia e Armênia (em vigor desde 1 de janeiro de 2015), atualmente em fase de expansão, que tem como objetivo criar um espaço econômico comum entre seus membros, com livre fluxo de mercadorias e mão de obra (VINOKUROV, 2017);
2. Organização do Tratado de Segurança Coletiva: também conhecido como Organização do Tratado de Cooperação e Segurança ou simplesmente Tratado de Tashkent, é uma aliança militar intergovernamental assinada em 15 de maio de 1992, fundada por Rússia, Armênia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão (NIKITINA, 2012);
3. Organização para Cooperação de Xangai: constitui uma organização política, econômica e militar da Eurásia, fundada em 2001 em Xangai por líderes da China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão, com adesão mais recente de Índia e Paquistão. Com o objetivo de garantir segurança a seus membros (contra o que consideram "terrorismo" e "extremismo") esse bloco também trata de questões sobre cooperação econômica (substituição do dólar como moeda de reserva e meio de pagamento internacional, e formação de um cartel de gás natural) (ALIMOV, 2018);
4. BRICS. Grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, fundado em 2009 (ampliado em 2011) com o objetivo concreto de fortalecer suas economias com maior autonomia em relação às instituições financeiras ocidentais (FMI e Banco Mundial). Daí a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (capital inicial de 100 bilhões de dólares) (STUENKEL, 2020).

Rogov (2019) salienta ainda que é sintomático o fato de a Guerra Fria 2.0 ocorrer num momento da história em que a Rússia não é uma superpotência econômica, ao contrário do que foi a União Soviética (em termos de PIB, população e outros parâmetros), mas continuar sendo uma superpotência nuclear. Desse modo, o resultado de uma nova Guerra Fria poderá ser não apenas o esgotamento econômico russo, mas também uma guerra "quente", com ameaça real decorrente da rejeição ao Tratado INF (que proibia o lançamento de mísseis terrestres com alcance de 500 a 5.500 quilômetros) [9]. Os norte-americanos já testaram mísseis

9 Foram mísseis dessa classe que levaram Moscou e Washington duas vezes à beira de uma guerra nuclear em 1962 (crise do Caribe) e em 1983 ("euro-mísseis").

CC BY NC SA

de cruzeiro *Tomahawk* baseados em solo, o que era proibido anteriormente, e estão criando uma nova geração de mísseis balísticos de médio alcance. Em resposta, o lado russo criou o sofisticado míssil *Kalibr*, de velocidade hipersônica. [10]

É provável que os americanos iniciem a instalação de seus foguetes e mísseis de médio alcance em bases asiáticas e europeias nos próximos 2 ou 3 anos, dependendo dos resultados da Guerra da Ucrânia de 2022. Mas países aliados dos EUA, como Japão, Coréia do Sul e Austrália ainda relutam em abrigar esses projéteis em seus territórios. Pode-se supor que grande parte dos países europeus também não deseje se tornar alvo para mísseis russos, apesar de haver grupos políticos contemporâneos com opinião diferente (nos Estados Bálticos e na Polônia). A militarização do continente europeu aumentará cada vez mais o risco de conflito aberto, algo que já vemos acontecer com o anúncio de elevação expressiva dos gastos militares pela Alemanha em decorrência da crise na Ucrânia de 2022. [11]

Um importante marco para o reconhecimento da realidade da Segunda Guerra Fria deu-se em fevereiro de 2019, em debate no Clube Valdai [12] , com o tema "Segurança Internacional no Contexto da Incerteza Nuclear". O debate foi travado entre dois renomados cientistas políticos, Dmitry Simes, presidente do *Center for National Interests* (Washington), e Valery Garbuzov, Diretor do Instituto Estados Unidos e Canadá da Academia Russa de Ciências. O ponto inicial da discussão foi a questão da saída dos EUA do Tratado INF de 1987 (Tratado de desarmamento de mísseis nucleares de alcance médio) e das medidas de resposta da Rússia, passando por toda a gama de problemas de segurança internacional no contexto da crise nas relações russo-americanas. No que diz respeito à liquidação do Tratado INF, os especialistas alegaram que mais cedo ou mais tarde isso teria acontecido, e que as tentativas de salvar o tratado foram tardias e vazias. Segundo Valery Garbuzov, haveria três razões básicas pra isso:

1. Todo o sistema de controle de armas foi criado em um mundo bipolar que não existe mais, e hoje opera num ambiente formado por duas bipolaridades paralelas, mas interconectadas: EUA – Rússia e EUA - China;

10 26 mísseis de cruzeiro Kalibr foram lançados em direção a base de insurgentes na Síria, pela primeira vez em 07 de outubro de 2015 a partir da flotilha do Mar Cáspio, a quase 2 mil km de distância. Fonte: BBC. Каспийским «Калибром» по Сирии: зачем это было надо? *(Mísseis Kalibr do Cáspio na Síria: por que isso foi necessário?).* Disponível em <https://www.bbc.com/russian/russia/2015/10/151008_russia_syria_cruise_missiles_analysis>. Acessado em 2 de maio de 2021.

11 SHEAHAN, Maria: MARSH, Sarah. Germany to increase defence spending in response to 'Putin's war' - Scholz. Reuters, 27 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/aerospace-defense/germany-hike-defense-spending-scholz-says-further-policy-shift-2022-02-27/>. Acessado em 4 de março de 2022.

12 Importante think tank sediado em Moscou.

2. Em face da crescente competição entre as potências, o antigo sistema de controle de armas parecia rudimentar;
3. A corrida armamentista já começou. Há o real aprimoramento das armas nucleares, com novos tipos de artefatos de alta precisão.

Garbuzov defendeu que futuramente o mundo chegará ao entendimento para um novo sistema de controle de armas, mas que até o momento as principais potências militares não sentiram tal necessidade. Assim, a lógica do desenvolvimento mundial mostraria que, se nos anos 1980 parecia haver cada vez menos sistemas de armas estratégicas sob mais rígido controle, hoje o controle de armas teria se tornado "vítima" de seu desenvolvimento e aperfeiçoamento. Houve nesse debate um entendimento mútuo russo-americano de que no estágio atual do confronto tácito entre Washington e Moscou, cada lado parece estar convencido de que o outro é seu principal inimigo e percebe esse confronto como um jogo de soma zero. Dessa forma, a situação atual lembra a Guerra Fria do século XX. Entretanto, existiriam diferenças significativas.

Segundo Garbuzov, se a primeira Guerra Fria fora um confronto global bipolar com base ideológica, mais ou menos regulamentada, hoje não há globalidade nem regulamentação. Em suas palavras: "em substância e estrutura, esse confronto não repete a Guerra Fria, pois está ocorrendo em um mundo policêntrico". Por outro lado, segundo Simes, o *establishment* americano enxerga na Rússia, assim como enxergou na União Soviética, um adversário existencial, uma vez que seu comportamento na arena internacional é tido como uma ameaça aos valores permanentes da política externa norte-americana (CLUBE VALDAI, 2019).

Garbuzov interpreta que, mesmo mantendo certa distância da era clássica da Guerra Fria, a chamada "russofobia" teria se espalhado entre a classe dominante americana [13]. Diferentemente dos Estados Unidos na segunda metade do século XX, em que parcela expressiva da burocracia estatal demonstrava rejeição ao comunismo, mas respeito pela União Soviética como adversário, a situação no século XXI seria de rejeição generalizada a tudo que a Rússia representa, sentimento compartilhado pela burocracia e em grande medida pelo cidadão comum.

É possível então que caracterizemos a Guerra Fria 2.0 como um fenômeno das relações internacionais que se torna mais complexo por ocorrer em um ecossistema policêntrico, considerando as relações complexas entre EUA-Rússia e EUA-China, embora diga respeito tão

13 A cobertura midiática norte-americana na corrente crise da Ucrânia é uma demonstração periférica da russofobia viralizada na cultura popular e de elite norte-americana.

somente a um desses eixos bilaterais. Assim, se no século XX o confronto entre o "Leste socialista" e o "Ocidente liberal" definira a estrutura das relações internacionais em termos globais, no século XXI, a "Nova Guerra Fria" torna-se apenas um elemento, ainda que de extrema relevância, na multiplicidade de linhas de enfrentamento envolvendo potências e seus *proxies*, que conformam a geopolítica global.

É claro que, no âmbito da Guerra Fria 2.0, as relações entre China e Rússia são de grande importância, ainda que suas agendas, embora em muitos casos convergentes, não sejam idênticas (KASHIN; TIMOFEIEV, 2021). De fato não há aliança político-militar entre os dois países, embora a recente declaração conjunta de 7 de fevereiro de 2022 demonstre que essa parceria como um todo seja profunda (FEDERAÇÃO RUSSA, 2022).

A situação na área de estabilidade estratégica parece estar de fato em crise. Como apontam alguns analistas russos, observa-se o surgimento de uma situação de "vácuo de regras" no domínio das armas nucleares – o que inclui a tripla relação Moscou-Washington-Pequim –, havendo uma redução no chamado "limiar de uso" das mesmas. Karaganov e Suslov (2019, p. 4), entendem que a principal causa da crise atual é de natureza mais profunda e reside em uma "mudança fundamental no cenário estratégico-militar, que torna obsoleto o antigo entendimento de estabilidade estratégica e ineficazes os mecanismos tradicionais de limitação de armas". Seria possível, então, apontar para as seguintes mudanças no cenário estratégico-militar (KARAGANOV; SUSLOV, 2019, p. 5):

1. Aquisição de volume grande de armas não nucleares (de alta precisão, mísseis não nucleares de longo alcance, sistemas de defesa de mísseis, armas espaciais antissatélite, armas a laser, armas cibernéticas) com propriedades estratégicas, tornando tênue a linha entre as armas nucleares e não nucleares. Isso aumenta a ameaça de escalada nuclear a partir de um conflito militar convencional, e também torna praticamente impossível o cálculo do equilíbrio estratégico e a seleção de tipos de armas a serem limitados;
2. A formação da "multipolaridade nuclear" como resultado da irreversibilidade do atual nível de proliferação de armas. Isso mina a lógica da continuação da limitação bilateral de armas nucleares russo-americana;
3. Seria possível distinguir ainda alguns fatores que enfraquecem a estabilidade estratégica e aumentam o perigo de uma guerra entre potências nucleares com maior escalada para o nível nuclear, incluindo corrida armamentista;
4. Relaxamento, ou diminuição acentuada entre as elites dos países ocidentais, do nível de competência e do "senso de responsabilidade". Criou-se um sentimento

de que a paz é para sempre. Ou seja, houve enfraquecimento de resistência das sociedades às políticas militaristas;

5. Estratégia de desgaste empreendida pelos EUA contra a Rússia e a China: tentativa de reprodução com a Rússia do "sucesso de Reagan" dos anos 1980; ou seja, infligir derrota geopolítica por meio da ameaça de uma corrida armamentista;
6. Perigo de um confronto militar direto entre a Rússia – EUA em conflitos regionais com uma nova escalada de guerra convencional atingindo o nível nuclear;
7. Possibilidade de implantação de armas de alta precisão próximo do território da Rússia, capazes de atingir instalações nucleares, em curto tempo de chegada;
8. Uso de armas nucleares por terceiros países uns contra os outros, forçando o esquecimento do "tabu nuclear" e conduzindo à proliferação dessas armas.

Ao mesmo tempo, existiriam fatores que fortalecem a estabilidade estratégica e reduzem o perigo de uma guerra deliberada entre potências nucleares e uma corrida armamentista:

1. A aquisição de armas ultramodernas pela Rússia, de caráter único (com capacidade de infligir danos politicamente inaceitáveis aos Estados Unidos);
2. Parceria estratégica entre a Rússia e a China, um alto nível de confiança e a ausência de um jogo de soma zero entre elas (nesse caso, o possível aumento no arsenal nuclear da RPC não representaria uma ameaça militar imediata para a Rússia);
3. Ausência de qualquer aspiração, pelas elites políticas ocidentais, de desencadear uma guerra contra outras grandes potências.

Assim, vê-se que tais fatores indicam um baixo nível de ameaça de uma guerra deliberada, especialmente nuclear, entre potências. Mas, por outro lado, indicam o aumento significativo do perigo de um conflito militar não intencional, bem como a probabilidade de sua escalada ao nível de uma guerra nuclear global. Constata-se que o estado geral de estabilidade estratégica tornou-se muito mais complexo e menos administrável, mais suscetível a todos os tipos de acidentes e influências de fatores não nucleares e de países terceiros.

Faz-se interessante o ponto de vista de outro analista russo, Bobrov (2019) que chama a atenção para uma série de características semelhantes entre o cenário atual e o momento bipolar do sistema internacional, tais como: 1. Ausência de um conflito militar direto; 2. Domí-

CC BY NC SA

nio da Rússia e dos Estados Unidos no campo nuclear; 3. Atmosfera de desconfiança mútua; 4. Prática e uso de sanções econômicas e políticas; 5. Caráter de confronto total; 6. Cooperação bilateral limitada; 7. Antagonismo geral das estratégias de política externa da Rússia e dos Estados Unidos (posições diretamente opostas em todo o espectro de questões da agenda atual, comércio mundial, problemas regionais, etc.).

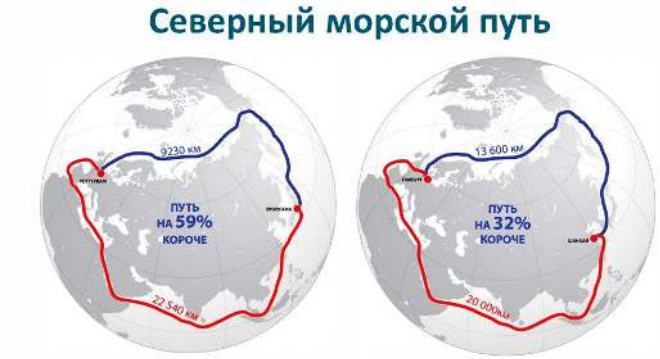
Uma importante arena da Guerra Fria 2.0 é a região do Oceano Ártico, onde países como Canadá, Suécia, Islândia, Noruega e EUA expressam algum tipo de preocupação e buscam desenvolver projetos para exploração e ocupação dessa extensa faixa territorial inabitável (BLUNDEN, 2009; FORSYTH, 2018). Entretanto, nenhum outro país como a Rússia investe tanta energia e recursos, historicamente, para desenvolver a navegabilidade no Mar do Norte, garantir sua presença na região e aproveitar economicamente os recursos ali dispostos. Segundo Silva (2019) desde que foi ampliado e verificado o potencial energético da região do Ártico, houve uma expansão no leque de atividades do Estado russo, além dos objetivos estritamente militares. Ou seja, passaram a considerar também esforços de estímulo à atividade econômica e construção de infraestrutura na região (como, por exemplo, a base militar russa na "Terra de Francisco José", um arquipélago entre o Mar de Barents, a sul, e o Oceano Glacial Ártico, a norte). Sobre as múltiplas espacialidades que influenciam as questões geopolíticas na região, Silva (2019) comenta que:

> Analisando especificamente o caso russo, vê-se que há uma conexão entre os movimentos na região e os objetivos estratégicos da Rússia em outros cenários, fato especialmente evidenciado pela estratégia russa até 2020. A busca pela capacidade de aproveitamento dos recursos e da maior navegabilidade da Rota Norte, ainda que tenham impactos primordialmente econômicos, também estão conectados com objetivos políticos – em especial a capacidade de atuar na região e sustentar os pleitos da Federação Russa de extensão de sua Zona Econômica Exclusiva (SILVA, 2019, p.70).

Entretanto, a partir de 2014, com o início das sanções econômicas, a rivalidade militar entre a OTAN e a Rússia ganhou novas projeções. Tal pressão geopolítica acelerou a aproximação energética e principalmente político-militar entre a Rússia e a China. O desenvolvimento da estratégia russa para o Ártico ganhou mais peso pela possibilidade da Rota Marítima Norte, que interessa muito aos chineses. Sem dúvida nenhuma esta rota é mais curta do que a rota de Suez, representando grande economia de tempo e combustível, tanto no trajeto entre Xangai e Hamburgo quanto entre Yokohama e Roterdã. Assim, analistas russos apontam que a distância entre Xangai e Hamburgo, por exemplo, passaria dos atuais 20 mil km (pelo canal de Suez) para 13.600 km, ou seja, 32% menor (vê-se na Figura 1 abaixo).

CC BY NC SA

Figura 1. Rota marítima do Norte. Projeção de analistas russos de logística marítima



Fonte: https://cargotime.ru/analitika/severnyj-morskoj-put/. Acessado em 25/01/2021.

Além disso, a Rússia é o único país no mundo que conta com a sua própria frota de navios quebra-gelo de propulsão nuclear: seu programa para construção de mega navios classe "Líder" foi acelerado, e essas embarcações serão capazes de romper gelo com espessura de até 4 metros, algo inédito [14]. Com isso, já considerando a tendência de aquecimento global, a Rússia espera, já a partir de 2024, garantir a navegabilidade pela Rota Marítima do Norte durante 11 meses ao ano. O país poderá garantir, assim, a segurança de seus próprios navios e de seus parceiros ao longo de toda a margem de sua costa norte, e, de certa forma, impor as suas próprias regras e condições de exploração marítima nessa faixa da Rota do Norte. Exultante, o vice-presidente do Conselho de Segurança da Rússia, Dmitry Medvedev declarou que: "A Rússia hoje, como a URSS no passado, é capaz de alcançar os Estados Unidos em termos do nível de ameaças ao seu oponente" [15]. Medvedev expressa esperança que autocontrole e compromisso com o Ocidente sejam possíveis no que tange a questão. Resta saber qual será a reação norte-americana, que, se considerada como de pouca assertividade até recentemente (HUEBERT, 2009), pode ser reavaliada pela administração russa à luz do corrente ataque econômico movido pelo Ocidente como retaliação à invasão da Ucrânia de 2022.

14 IZVETIA. Самый мощный ледокол в мире «Лидер» построят на Дальнем Востоке *(O quebra-gelo "Líder", mais poderoso do mundo, será construído no Extremo Oriente).* Disponível em <https://iz.ru/772204/2018-07-30/samyi-moshchnyi-ledokol-v-mire-lider-postroiat-na-dalnem-vostoke> Acessado em 25 de maio de 2021.

15 RUSSIA TODAY. Медведев заявил о возвращении в эпоху холодной войны в отношениях с США *(Medvedev anuncia um retorno à Guerra Fria nas relações com os Estados Unidos)*. 23 de abril de 2021. Disponível em: <https://russian.rt.com/world/news/855783-medvedev-ssha-otnosheniya>. Acessado em 2 de maio de 2021.

CC BY NC SA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com fontes de imprensa, os Estados Unidos pretendem aumentar seu agrupamento de tropas no Leste Europeu, e a corrente crise na região envolve justamente indefinições a respeito desse problema, especialmente com a eventual adesão da Ucrânia à OTAN, algo que fora factível pelo menos até Moscou ter se decidido pelas vias de fato, e procedido a um *preemptive strike* contra o território ucraniano. A intenção de posicionar ativos militares na fronteira com a Rússia fora confirmada pelo então chefe do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, Mark Esper, em 2020 [16]. Segundo o mesmo, as unidades do exército americano seriam deslocadas para "mais próximo das fronteiras da Rússia com o propósito de contê-la", declaração essa que, somadas a outros movimentos norte-americanos, só fez aumentar a percepção de um real dilema de segurança a ser resolvido por Moscou, algo que está por trás, certamente, da atual crise militar no Leste Europeu. Segundo especialistas, os Estados Unidos não planejaram, de fato, manter aquilo que se entendeu como uma "promessa" feita ao então presidente soviético Mikhail Gorbachev a respeito da improvável aproximação das tropas da OTAN das fronteiras da URSS, após o fim da primeira Guerra Fria. Naturalmente, a interpretação acerca do compromisso assumido em 1990 consiste em um verdadeiro campo de batalha hermenêutico e retórico, justificando tanto as ações da aliança atlântica quanto as iniciativas russas.

Faz-se importante apontar que a Rússia integra blocos que pretendem um posicionamento alternativo no cenário internacional. Todas as estruturas e mecanismos criados nos últimos vinte anos, encabeçados por Rússia e China, incluindo as instituições financeiras e de investimento (Banco dos BRICS, Banco Chinês de Desenvolvimento, novas plataformas de transferência de pagamentos entre bancos, intercâmbio com pagamento e garantia de moedas nacionais) sugerem a nova fisionomia da Guerra Fria, que ocorre de forma não central, mas de maneira transversal entre diferentes linhas de força, agendas e problemas no cenário global, que podem ou não ter relação direta com a querela entre a OTAN e Moscou a respeito dos ditos e não ditos acerca da redefinição da ordem mundial pós-1989.

16 RUSSIA TODAY. «Дальше на восток»: как США наращивают группировку войск вблизи границ России *(Mais para Leste: como os Estados Unidos estão aumentando a concentração de tropas perto das fronteiras russas)*. Disponível em <https://russian.rt.com/world/article/772199-nato-rasshirenie-voiska-obeschaniya>. Acessado em 2 de maio de 2021.

REFERÊNCIAS

ACTON, J. M. Russia and Strategic Conventional Weapons: Concerns and Responses. *The Non-proliferation Review*, v. 22, n. 2, p. 141-154, 2015.

ALIMOV, R. The Shanghai Cooperation Organisation: Its role and place in the development of Eurasia. *Journal of Eurasian Studies*, v. 9, n. 2, p. 114-124, 2018.

ARRIGHI, G. The World Economy and the Cold War, 1970-1990. In: LEFFER, M.; WESTAD, O. (org). *The Cambridge History of Cold War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 23-45.

AVERRE, D.; DAVIES, L. Russia, humanitarian intervention and the Responsibility to Protect: the case of Syria. *International Affairs*, v. 91, n. 4, p. 813-834, 2015.

BANDEIRA, L. A. M. *A Desordem Mundial: o espectro da total dominação*. 5a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BANDEIRA, L. A. M. *A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BBC. Каспийским “Калибром” по Сирии: зачем это было надо? *(Mísseis Kalibr do Cáspio na Síria: por que isso foi necessário?).* Disponível em <https://www.bbc.com/russian/russia/2015/10/151008_russia_syria_cruise_missiles_analysis>. Acessado em 02 de maio de 2021.

BERGER, M. How the Molotov Plan Works. *The Antioch Review*, v. 8, n. 1, p. 17-25, 1948.

BLUNDEN, M. The new problem of Arctic stability. *Survival*, v. 51, n. 5, p. 121-142, 2009.

BOBROV, A. Сравнительный Анализ внешнеполитических стратегий России и США (2016-2019 гг.) в контексте дискуссий о новой холодной войне (Análise comparativa das estratégicas de política externa da Rússia e EUA (2016-2019) no contexto das discussões sobre uma nova Guerra Fria). *Jurnali RAN. CSHA i Kanada, Economika, Politika, Kultura*. v. 49, n. 9, p. 37-52, 2019.

CC BY NC SA

BRICK, E. Base logística de Defesa: conceituação, composição e dinâmica de funcionamento. *Anais do V Encontro da Associação Brasileira de Estudos da Defesa*, 2011.

BRZEZINSKI, Z. *Out of Control: Global Turmoil on the Eve of the 21st Century*. Nova York: Collier, 1993.

CLUBE VALDAI. Холодная Война 2.0: Новая по форме и содержанию, но не менее опасная *(Guerra Fria 2.0. Novo conteúdo e formato, mas não menos perigosa)*. Moscou, 5 de junho de 2019. Disponível em <https://ru.valdaiclub.com/events/posts/articles/yadernaya-neopredelyennost-2-0/>. Acessado em 13 de junho de 2021.

DESAI, P. Russian retrospectives on reforms from Yeltsin to Putin. *Journal of Economic Perspectives*, v. 19, n. 1, p. 87-106, 2005.

DOLMAN, E. *Astropolitik: Classical Geopolitics in the Space Age*. Londres, Frank Cass, 2002.

FEDERAÇÃO RUSSA. *Joint Statement of the Russian Federation and the People's Republic of China on the International Relations Entering a New Era and the Global Sustainable Development*. 4 de fevereiro de 2022. Disponível em <http://en.kremlin.ru/supplement/5770>. Acessado em 25 de fevereiro de 2022.

FORSYTH, M. Why Alaska and the Arctic are Critical to the National Security of the United States. *Military Review*, v. 98, n. 1, p. 2-8, 2018.

GAMBLE, A. Two Faces of Neoliberalism. In: ROBINSON, R. (org). *The Neoliberal Revolution: forging the market state*. Londres: Palgrave, 2006, p.20-35.

GESSEN, M. *The future is history: How totalitarianism reclaimed Russia*. Londres: Granta Books, 2017.

GONTIJO, C. *A Nova crise da Hegemonia Americana*. Curitiba: Appris, 2020.

GRACHEV, A. *Gorbachev's gamble: Soviet foreign policy and the end of the Cold War*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 2018.

HANSEN, F. Framing yourself into a corner: Russia, Crimea, and the minimal action space. *European Security*, v. 24, n. 1, p. 141-158, 2015.

HOFFMAN, D. *The Dead Hand: The untold story of the Cold War arms race and its dangerous legacy*. Nova Iorque: Doubleday, 2009.

HUEBERT, R. United States arctic policy: the reluctant arctic power. *The School of Public Policy–University of Calgary Publications Series*, v. 2, n.2, 2009.

IZVETIA. Самый мощный ледокол в мире «Лидер» построят на Дальнем Востоке *(O quebra-gelo "Líder", mais poderoso do mundo, será construído no Extremo Oriente).* Disponível em <https://iz.ru/772204/2018-07-30/samyi-moshchnyi-ledokol-v-mire-lider-postroiat-na-dalnem-vostoke>. Acessado em 25 de maio de 2021.

KASHIN, Vassily e TIMOFEIEV, Ivan. Американо-китайские отношения: К новой Холодной Войне? Доклад Международного Дисскуссионного Клуба Валдай *(Relações EUA-China: Rumo a uma nova Guerra Fria? Relatório do Clube Internacional de Discussões Valdai).* Moscou, Junho de 2021. Disponível em <www.ru.valdaiclub.com>. Acessado em 16 de junho de 2021.

KARAGANOV, S.; SUSLOV, D. Новой понимание и пути укрепления многосторонней стратегической стабильности *(Novo entendimento e caminhos para o fortalecimento da estratégia policêntrica de estabilidade)*. Escola Superior de Economia. Universidade Nacional de Pesquisas. Moscou, 2019.

McNABB, D. E. *Vladimir Putin and Russia's imperial revival*. Londres: Routledge, 2017.

MORKOVKIN, A. Как СССР выводил войска из Восточной Европы (Como a URSS retirou suas tropas da Europa Oriental). *Russia Beyond*, 22 de abril de 2020. Disponível em <https://ru.rbth.com/read/830-soviet-troops-withdrawal>. Acessado em 8 de fevereiro de 2021.

NARINSKIY, M. Gorbatchev, Mitterrand, and the reunification of Germany: The end of the Cold War. *Guerres mondiales et conflits contemporains*, v. 2, p. 27-56, 2015.

NIKITINA, Y. The Collective Security Treaty Organization Through the Looking Glass. *Problems of Post-Communism*, v. 59, n. 3, p. 41-52, 2012.

PARTIDO LIBERAL DEMOCRATA RUSSO. Вывод советских войск из Восточной Европы был ошибкой: Лидер ЛДПР Владимир Жириновский рассказал, почему решение СССР о выводе советских войск из Восточной Европы было ошибочным *(A retirada das tropas soviéticas da Europa Oriental foi um erro: líder do PLDR Vladimir Zhirinovsky explica por que a decisão de retirar as tropas soviéticas da Europa Oriental foi um erro).* 2019. Disponível em <https://ldpr.ru/event/19851>. Acessado em 8 de fevereiro de 2021.

PIFER, S. Did NATO Promise Not to Enlarge? Gorbachev Says “No”. *Brookings Institution*, 6 de novembro de 2014. Disponível em < https://www.brookings.edu/blog/up-front/2014/11/06/did-nato-promise-not-to-enlarge-gorbachev-says-no/>. Acessado em 25 de Fevereiro de 2022.

PIFER, S. *The Eagle and the Trident: US-Ukraine Relations in Turbulent Times*. Washington, Brookings Institution Press, 2017.

ROGOV, S. Новая Холодная Война: Последствия для Российского Общества (Nova Guerra Fria: Consequências para a sociedade russa). *Vestnik RAN*, v.90, n.3. p.279-292, 2020.

RUSSIA TODAY. Медведев заявил о возвращении в эпоху холодной войны в отношениях с США *(Medvedev anuncia um retorno à Guerra Fria nas relações com os Estados Unidos).* 23 de abril de 2021. Disponível em: <https://russian.rt.com/world/news/855783-medvedev-ssha-otnosheniya>. Acessado em 2 de maio de 2021.

RUSSIA TODAY. «Дальше на восток»: как США наращивают группировку войск вблизи границ России *(Mais para Leste: como os Estados Unidos estão aumentando a concentração de tropas perto das fronteiras russas)*. Disponível em <https://russian.rt.com/world/article/772199-nato-rasshirenie-voiska-obeschaniya>. Acessado em 2 de maio de 2021.

SARGENT, D. The Cold War and the international political economy in the 1970s. *Cold War History*, v. 13, n. 3, p. 393-425, 2013.

SAROTTE, M. E. Not one inch eastward? Bush, Baker, Kohl, Genscher, Gorbachev, and the origin of Russian resentment toward NATO enlargement in February 1990. *Diplomatic History*, v. 34, n. 1, p. 119-140, 2010.

SCHLESINGER, A. Origins of the Cold War. *Foreign Affairs*, v. 46, n. 1, p. 22-52, 1967.

SEGRILLO, A. *O Declínio da URSS: um estudo das causas*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

SERRANO, F.; MAZAT, N. A potência vulnerável: padrões de investimento e mudança estrutural da União Soviética à Federação Russa In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org). *Padrões de desenvolvimento econômico (1950–2008): América Latina, Ásia e Rússia, volume 2*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2013, p. 755-892.

SHEAHAN, Maria: MARSH, Sarah. *Germany to increase defence spending in response to 'Putin's war' - Scholz*. Reuters, 27 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/aerospace-defense/germany-hike-defense-spending-scholz-says-further-policy-shift-2022-02-27/>. Acessado em 4 de março de 2022.

SHUBIN, A. Парадоксы Перестройки. Потерянный шанс СССР. *(Paradoxos da Perestroika: as chances perdidas da URSS)*. Moscou: Veche, 2005.

SILVA, P. *Para uma Geopolítica do Ártico: Os desafios da estratégia russa diante de um Ártico em transformação*. Dissertação de Mestrado em Economia Política Internacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SPUTNIK BRASIL. *Rússia toma medidas em resposta a atividade militar ameaçadora da OTAN, diz ministro da defesa russo*. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/russia/2021041317324648-russia-toma-medidas-em-resposta-a-atividade-militar-ameacadora-da-otan-diz-ministro-da-defesa-russo/>. Acessado em 2 de maio de 2021.

STIGLITZ, J. *Os exuberantes anos 90.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STUENKEL, O. *The BRICS and the future of global order*. Lanham: Lexington Books, 2020.

TAVARES, M. C. A Retomada da Hegemonia norte-americana. In; TAVARES, M. C.; FIORI, J. L. (org). *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*, Petrópolis, Vozes, 1998, p. 27-55.

TRUMAN, H. *Address before a Joint Session of Congress: President Harry S. Truman, March 12, 1947.* Disponível em <https://www.thirteen.org/wnet/historyofus/web13/features/source/docs/C07.pdf>. Acessado em 6 de junho de 2021.

VINOKUROV, E. Eurasian Economic Union: Current state and preliminary results. *Russian Journal of Economics*, v. 3, n. 1, p. 54-70, 2017.

WALLERSTEIN, I. The Eagle has crash landed. *Foreign Policy*, 11 de Novembro de 2009. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2009/11/11/the-eagle-has-crash-landed/>. Acessado em 9 de junho de 2021.

ZVEZDANEWS. О науке в армии, новейшем вооружении и деятельности РГО: интервью Министра обороны РФ Сергея Шойгу *(Sobre a ciência no exército, as últimas armas e atividades da Sociedade Geográfica Russa: uma entrevista com o Ministro da Defesa da Federação Russa Sergei Shoigu).* 21 de maio de 20121. Disponível em <https://tvzvezda.ru/news/20215211659-2C3az.html>. Acessado em 24 de maio de 2021.